

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A classe operária poderá fazer do 1.º de Maio uma jornada pelo reforçamento da sua unidade. Esta unidade deve desenvolver-se na luta por um salário mínimo vital, que aumente sempre que aumente o custo de vida, contra o desemprego, contra a exploração desenfreada do grande patronato, expressa na chamada campanha da «produtividade», contra a vida cara, pela paz. Um salário mínimo vital de 40\$00 para os operários industriais e uma jorna mínima de 30\$00 para os assalariados agrícolas, com trabalho assegurado todo o ano, e um ordenado mínimo de 1.200\$00 para os funcionários, apesar de estarem longe de proporcionar uma vida mesmo modesta, representariam, uma vez conquistados, uma grande melhoria na vida desses trabalhadores. Ao apresentar estas reivindicações, o Partido Comunista Português considera ser possível satisfazê-las, bastando para isso que diminuam as despesas militares e repressivas e os lucros dos grandes.

**VIVA O 1.º DE MAIO!**

Façamos do 1.º de Maio de 1956 uma jornada de Unidade da classe operária e de todas as forças anti-salazaristas!

Quando em 1889, os representantes dos trabalhadores de todos os países, reunidos em Paris, deram origem ao dia 1.º de Maio como uma jornada de solidariedade e combate do proletariado internacional, a classe operária afirmava-se como força independente e destrutiva. Sob a bandeira do internacionalismo proletário e a consigna imortal de Marx e Engels: «Proletários de todos os países, uni-vos!», a classe operária adquiria cada vez mais consciência da sua força e da sua missão histórica: libertar a humanidade das algemas do capitalismo e instalar uma sociedade nova, a sociedade socialista sem classes.

Hoje, 67 anos que o 1.º de Maio é celebrado em todo o mundo. Mas de ano para ano, o movimento operário internacional estende-se e reforça-se cada vez mais.

No ano de 1917, a classe operária russa, dirigida pelo Partido Bolchevique e o Partido de Lenine e Stáline, derrubou para sempre o poder dos grandes capitalistas e dos senhores da terra na Rússia. Pela primeira vez na história da humanidade, o proletariado tornou-se a classe dominante.

A vitória da grande Revolução Socialista de Outubro teve enorme significado histórico. Com ela abriu-se o caminho das revoluções proletárias e surgiu a época da libertação dos povos da escravidão e opressão capitalistas.

A União Soviética, a fortaleza socialista do proletariado mundial, forneceu aos povos uma nova força criadora. O primeiro Estado proletário do mundo tornou-se a fonte inspiradora de todos os povos oprimidos e explorados, que lutam pela sua libertação e pela paz.

A segunda guerra mundial, desencadeada pelas potências imperialistas em consequência das suas contradições insolúveis, visava destruir a União Soviética, desviar o curso histórico da humanidade e fazer uma nova repartição do mundo. O capitalismo, porém, saiu da guerra ainda mais debilitado e corroido por contradições mais profundas.

Como resultado da segunda guerra mundial, novos países da Europa e da Ásia libertaram-se para sempre do campo do imperialismo e edificam vigorosamente uma vida nova de felicidade e de paz. Depois da guerra a situação mudou radicalmente. Ao lado do campo capitalista formou-se o campo do socialismo encabeçado pela União Soviética e República Popular da China e

de que fazem parte mais 11 países democrático-populares.

A correlação de forças entre os sistemas capitalista e socialista mudou radicalmente a favor do socialismo. Mais de 900 milhões de pessoas libertaram-se para sempre das algemas do capitalismo e nos últimos 10 anos, 1.200 milhões de pessoas ou seja, cerca de metade da população da Terra, libertaram-se da opressão e dependência do colonialismo. Vivemos numa época em que os povos de todo o mundo lutam vitoriosamente pela sua libertação das garras da exploração e opressão imperialista. A época em que a reacção capitalista dominava impunemente os povos coloniais e pouco desenvolvidos, já passou.

As forças reaccionárias dos países capitalistas não querem conformar-se com a situação presente. Elas sonham com o regresso ao «paraíso capitalista» dos países onde os operários e os camponeses romperam as algemas do capitalismo e tomaram conta do poder. Com esse objectivo prosseguem na corrida aos armamentos, organizam novos agrupamentos militares, agressivos em diversas partes do mundo e procuram criar novos focos de agressão.

Mas a situação actual nada tem de semelhante com a existente em 1939, isto é, antes do desencadeamento da segunda guerra mundial. Então, a URSS era o único Estado Socialista e encontrava-se cercada de Estados capitalistas. Hoje, ao lado da URSS encontra-se a grande China, e os países de democracia popular e os povos pacíficos do mundo inteiro, que apoiam a sua inalterável política de paz e coexistência pacífica entre estados com sistemas sociais diferentes.

Centenas de milhões de homens e mulheres de todos os países e raças, de todas as convicções políticas, de todas as crenças religiosas, de todas as camadas sociais lutam unidos no potente Movimento Mundial da Paz. A paz tornou-se o maior anseio da Humanidade e os povos unem-se na luta pelo desarmamento geral, pela proibição das armas atómicas e de extermínio em massa, pela diminuição da tensão internacional, pela solução pacífica dos litígios internacionais, e por tratados de segurança colectiva na Europa e na Ásia.

A classe operária, cujos interesses estão indissolvemente ligados à manutenção e consolidação da paz, luta ativamente por ela. A Federação Sindical Mundial com

os seus 82 milhões de filiados é a mais potente organização sindical operária que até hoje existiu e, ao lado da Federação Mundial da Juventude Democrática, da Federação Democrática Internacional das Mulheres e outras organizações, constituiu uma séria barreira aos planos tenebrosos dos incendiários de guerra.

Gracias à invariável política de paz da URSS e aos esforços do Movimento Mundial da Paz e de todos os povos da Terra a guerra recuou. O espírito de Genebra e, da coexistência pacífica entre estados com sistemas sociais diferentes alastra no mundo. Muitos estados capitalistas recusam acorrer-se à política bélica das potências imperialistas.

Conforme salientou o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que teve enorme significado internacional, existe hoje uma ampla zona de paz que abrange 1.500 milhões de pessoas da Europa e Ásia, isto é, a maior parte da população do mundo. Embora o perigo do desencadeamento de uma guerra exista sempre enquanto existir o capitalismo no mundo, actualmente há poderosas forças sociais e políticas que dispõem de recursos para não permitir que os imperialistas desencadeiem a guerra e, se tentarem começá-la, dar uma réplica esmagadora aos agressores e desbaratar os seus planos aventureiros.

Sob a direcção do glorioso Partido Comunista da União Soviética, os povos soviéticos celebrarão o 1.º de Maio com novas vitórias na edificação do comunismo. O novo Plano Quinquenal que, pela sua grandeza é significado, não tem precedentes na história da Humanidade é bem a demonstração da superioridade do sistema socialista, levando o desespero às forças da reacção e enchendo de jubilo os trabalhadores de todos os países. Apesar das incalculáveis destruições que a União Soviética sofreu durante a segunda guerra mundial, a produção industrial aumentou, em 26 anos, mais de 20 vezes, enquanto que nos Estados Unidos, apesar das condições favoráveis, houve apenas um aumento de pouco mais de duas vezes. Entretanto, em 1960 o nível da produção industrial na União Soviética será elevada em 65%, aproximadamente em comparação com 1955. Em 1960 fabricar-se-á o triplo dos artigos de consumo popular de 1950. No decurso do plano a jornada de trabalho será reduzida para 7 horas e em alguns casos para 6 ho-

ras. Os salários dos operários não serão porém reduzidos, mas antes aumentados em 50%, e as receitas dos camponeses serão aumentadas pelo menos 40%.

O socialismo fez nascer uma energia criadora, nova e desconhecida na história da Humanidade. Pelo seu trabalho pacífico e criador, a União Soviética indica aos povos do mundo inteiro o caminho para a conquista de um futuro radioso.

A China e os países de democracia popular celebrarão o 1.º de Maio avançando no contínuo desenvolvimento económico e cultural e na elevação do bem-estar dos seus povos. De países semi-feudais, agrários ou com uma indústria pouco desenvolvida, os países democrático-populares transformam-se em importantes potências industriais e edificam com sucesso o socialismo.

Olhagdo para os exemplos triunfantes dos países do campo da democracia e do socialismo, os trabalhadores explorados e oprimidos dos países capitalistas convencem-se de que quando o povo toma conta dos seus próprios destinos instaura-se uma verdadeira democracia, a independência nacional é assegurada, aumenta o bem-estar dos trabalhadores e abrem-se para todo o povo novas possibilidades criadoras.

Para os povos dos países capitalistas, coloniais e dependentes, o 1.º de Maio será celebrado como uma jornada de luta pela consolidação da unidade da classe operária para a conquista das suas reivindicações, e da unidade de todas as forças progressivas na luta pela paz, a democracia e a independência nacional. As grandiosas jornadas de luta que a classe operária desenvolve em todos os países capitalistas e coloniais, as importantes vitórias obtidas pelas forças democráticas nas recentes eleições em França, na Grécia e no Brasil, a heróica luta do povo espanhol e a crescente desagregação do odioso regime franquista são precursoras de novos êxitos das forças democráticas e pacíficas em todo o mundo.

A classe operária e os trabalhadores de todos os países celebrarão este ano o 1.º de Maio, confiantes na sua força poderosa e invencível. O velho mundo, o mundo da exploração do homem pelo homem, o mundo da violência e das guerras devastadoras, está condenado a desaparecer e demorana-se. O novo mundo, o mundo do trabalho livre e criador, da paz, da democracia e do socialismo, triunfa e fortalece-se.

Salazar colocou Portugal sob o domínio dos monopólios e das potências imperialistas

Os monopólios estrangeiros e a oligarquia financeira monopolista que o salazarismo representa e defende, dominam inteiramente Portugal no campo económico, político e militar. A cedência de território nacional aos americanos e ingleses, assinada pelo governo de Salazar em relação às Lajes (Açores) é a expressão mais clara da política de abdicação nacional da camarilha governante.

As nossas forças armadas foram colocadas sob o comando de generais e almirantes americanos e ingleses. Os nossos portos e as bases militares estão ao serviço dos preparativos de guerra das potências imperialistas. O campo de Santa Margarida, com permanentes manobras militares, foi transformado numa zona de guerra, de destruições e morte de dezenas e dezenas de soldados portugueses.

Ao serviço do imperialismo americano, Goa foi transformada num foco de guerra e numa base de agressão. Para manter o seu domínio e abalar os anseios de libertação do povo goês, que está pegando em armas contra os seus opressores, o salazarismo

recorre aos massacres e ao terrorismo mais brutal. Milhares de jovens portugueses são forçados, contra sua vontade, a irem para a Índia onde arruinam a sua saúde, perdem a sua vida. Eles e todo o nosso povo estão vendo que a política de Salazar de escravatura e rapina contra os povos das colónias, constitui uma vergonha para a Nação Portuguesa.

O Salazarismo tem pretendido «justificar» a sua política de guerra com o calunioso pretexto de que a URSS e os países de Democracia Popular ameaçam o nosso país e o chamado «mundo livre» e a «civilização ocidental». Porém os factos são bem diferentes.

Não é a União Soviética que ameaça o nosso país, mas sim a política agressiva das potências imperialistas e o crescente domínio dos grandes monopólios americanos e ingleses que fazem de Portugal e das colónias bases de agressão e se apoderam de enormes riquezas e parcelas do território nacional e colonial. São as potências imperialistas e não a União Soviética

que roubam o urânio, o volfrâmio, o ferro, o petróleo, as pirites e outras matérias primas, que, transformadas no país garantiriam a nossa independência económica.

Porque o salazarismo faz cada vez mais depender o atestecimento do país dos produtos estrangeiros o déficit da balança comercial sobe assustadoramente. A economia nacional não se desenvolve de acordo com os interesses nacionais mas em função dos interesses dos monopólios estrangeiros.

Não é a União Soviética que coloca em volta das suas fronteiras uma cortina de ferro impeditiva à entrada dos portugueses no seu território, ao estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais e ao intercâmbio cultural e desportivo entre os dois países, mas sim é o salazarismo que envolve Portugal numa verdadeira cortina de ferro para impedir o nosso povo de estabelecer quaisquer contactos com o grande país socialista, recendo que a verdade se torne conhecida de todo o povo português. Os interesses nacionais exigem que Por-

tugal se liberte do domínio do imperialismo americano e inglês e estabeleça relações independentes e de amizade com todos os povos, independentemente do seu regime social e político.

Por isso, saudamos os recentes acordos comerciais estabelecidos entre Portugal e a Polónia, Checoslováquia, Hungria e República Democrática Alemã, fruto da pressão exercida sobre o salazarismo pela classe operária e por vastos círculos económicos, acordos cuja negociação e conteúdo a camarilha salazarista teve o cuidado de esconder ao nosso povo com medo que novas vezes se levantem em defesa de relações comerciais mais amplas com todos os países do campo democrático e socialista.

Portugal tem necessidade de negociar tratados comerciais na base de vantagens comerciais mútuas. A União Soviética e todos os países democrático-socialistas oferecem relações desse tipo. Os industriais, os comerciantes, todo o povo português devem exigir por todas as formas que o governo siga sem demora esse caminho.

O PAÍS DEBATE-SE NA CRISE

As consequências da política de guerra salazarista e do enfundamento aos monopólios e potências imperialistas, manifestam-se perigosamente. O governo salazarista ao gastar em despesas de carácter militar e repressivo cerca de metade das receitas do Estado não pode corresponder às necessidades da vida nacional.

Os saldos do orçamento do Estado são uma falsidade. Conforme o Anuário Estatístico das Nações Unidas, o orçamento português de 1954 apresenta um défice de 1546.400 contos. De 1939 a 1953 a dívida pública aumentou de 7 milhões e 145 mil contos para 11 milhões e 120 mil. Em 1954 aumentou mais 806 mil contos. Os encargos com a dívida pública, em 1954 atingiram cerca de 650 mil contos, ou seja, a volta de um décimo das receitas do Estado. A inflação aumentou todos os anos resultando desse facto uma diminuição do salário real dos trabalhadores, o aumento dos preços dos artigos de amplo consumo e paralelamente aumentam os lucros dos grandes capitalistas.

Todos os ramos da actividade económica nacional estão ameaçados pela crise que se ostende. Centenas de fábricas fecharam as suas portas ou reduziram a sua fabricação lançando para o desemprego milhares de trabalhadores. Em relação a 1954 segundo os dados oficiais, a produção agrícola baixou imenso: 47% no trigo, 51% no centeio, 43% na aveia, 34% na cevada, etc., aumentando apenas um pouco a produção do arroz. No que respeita à pecuária a situação é ainda mais grave. Milhares de pequenos e médios proprietários agrícolas, rendeiros, seareiros e caseiros são arruinados, caem nas mãos dos grandes agrários e proletarizam-se. Apesar disto os fazendeiros americanos que dirigem os chamados técnicos da FAO, com o apoio dos agrários salazaristas preconizam para Portugal um novo «reagrupamento

da propriedade muito fragmentada» («O Seculo» 18.2.55), ou seja, a liquidação de novos milhares de pequenos agricultores.

Milhares de pequenos e médios comerciantes são sugados pelos impostos e outras taxas ao mesmo tempo que vêem cada vez mais as vendas a decerem em virtude da pobreza crescente das massas. Por isso, muitos vêem a sua frente a ruína e a falência. Milhares de pequenos e médios industriais encontram cada vez maiores dificuldades para exercerem a sua actividade em virtude da concorrência desleal dos monopolistas, do aumento dos impostos e da estagnação do desenvolvimento económico do país.

E, porém, sobre os ombros da classe operária e de todos os trabalhadores que recaem o peso principal das consequências da política anti-nacional salazarista. Com o encerramento de dezenas de fábricas, novos milhares de trabalhadores são atraídos para o desemprego e a miséria mais completa. Muitas outras fábricas de variadas indústrias encontram-se em laboração reduzida e o trabalho por semana, de 3 a 4 dias de trabalho por semana. Dos 80 mil operários da indústria têxtil, alguns milhares estão no desemprego total e uma boa parte dos restantes estão a 3, 4 e 5 dias de trabalho por semana. O mesmo se verifica nas indústrias conserveira, chapeleira, em algumas produções mineiras, entre os pescadores, etc.

Em virtude da crise em que se debate a lavoura e as enormes extensões de terra que os grandes agrários não estão interessados em cultivar, os assalariados agrícolas não chegam a trabalhar 6 meses em cada ano.

Com o apoio do governo, o grande patronato intensifica ao máximo a exploração das classes trabalhadoras. A chamada «campanha de produtividade» está-se generalizando, obrigando os operários a cadências de trabalho desumanas que arruinam a saúde

e provocam o aumento dos acidentes e do desemprego.

Os salários de dezenas e dezenas de milhares de homens e mulheres trabalhadores não ultrapassam e, por vezes, não atingem sequer os 10000 diários. Isto é, não chegam para comprar dois quilos de pão branco. Segundo os dados oficiais referentes a 1953, (de então para cá a situação não melhorou) 198 mil operários das indústrias transformadoras receberam um salário médio diário de 18500 (contando os 365 dias do ano), 40 mil operários da indústria extractiva receberam um salário médio diário de 15800. A situação dos assalariados agrícolas é ainda pior. A média dos salários pagos foi um pouco inferior a 20500 para os homens e 12500 para as mulheres. Considerando que os assalariados agrícolas trabalham por ano 180 dias, o que é superior a realidade, o seu salário médio diário é de 10500 para os homens e de 6500 para as mulheres.

Apesar dos baixíssimos salários, estes não sobem e em muitos casos descem. Agravando ainda mais esta situação, o custo de vida está a subir vertiginosamente. A criminalidade política salazarista provoca o encarceramento de todos os produtos. Enquanto o produtor vende o trigo, o leite, a carne, o vinho, a lã e os outros produtos por um preço, o consumidor paga-os pelo dobro e por três e quatro vezes mais. O custo do peixe, da carne, das hortaliças e da maioria dos produtos alimentares não cessam de aumentar. A falta de alguns géneros provoca um encarceramento ainda maior. Como se cada vez menos e cada vez pior.

O problema da habitação torna-se cada vez mais insustentável. Centenas de milhares de portugueses «habitam» em bairres de lata, em barracas, «ilhas» e fúrnas. A tuberculose e outras doenças alastram assustadoramente em todo país. A chamada

Previdência salazarista, tal como o Fundo de Desemprego, pouco mais é do que uma forma de arrincar à miséria das classes laboriosas certas de milhar de contos por ano.

As condições de vida tornam-se cada vez mais duras para todas as classes laboriosas. O funcionalismo público e as profissões liberais sofrem bastantes dificuldades e, inclusive o desemprego. A emigração atinge cifras nunca antes registadas. Dezenas de milhares de homens válidos, do capital mais precioso que o país possui, são obrigados a emigrar todos os anos para o estrangeiro.

As actividades científicas, literárias e artísticas do país estão em nítido retrocesso. O teatro e quase inexistente e o cinema nacional está limitado a uns tantos documentários de propaganda salazarista. O fascismo por meio da censura, impedia o desenvolvimento cultural da Nação.

Há cerca de duas dezenas de anos, Salazar proclamou: «quanto houver um português sem pá a revolução continua». Mais recentemente, procurava ludibriar o povo com a fraseologia deca de que o objectivo do regime era dar a cada braço uma enxada, a cada família o seu lar e a cada boca o seu pão.

O povo português à custa da sua dolorosa experiência, aprendeu a distinguir as palavras dos actos. Ao longo de 20 anos de governação os problemas nacionais têm-se agravado progressivamente. A camarilha salazarista tem sido e continua a ser um freio ao desenvolvimento das forças produtivas nacionais conduzindo-as à estagnação e à paralisação. O desemprego, a miséria, o obscurantismo e a ruína da Nação não cessaram de aumentar durante estes 20 anos. Depois de 50 anos de governação salazarista, a independência e a soberania da Nação foram enterradas e Portugal caiu sob o domínio das potências imperialistas.

O salazarismo está em decomposição

O salazarismo está cada vez mais divorciado da Nação e debate-se com contradições insolúveis. O desalento começou a invadir a própria burguesia não monopolista e camadas da população que o salazarismo tem conseguido iludir estão a abandoná-lo. O salazarismo sente o terreno a fugir-lhe debaixo dos pés. As divergências e a corrupção cresce no seio das fileiras salazaristas. O ministro das Corporações foi forçado a reconhecer que após 20 anos de

governação o cahsaco que está a atingir as fileiras salazaristas «pode também atingir os regimes e os sistemas políticos».

O salazarismo intensifica a demagogia e a mentira, esforça-se por recompor as suas fileiras, dar novos alento às suas hostes e sustar descontentamentos. As anunciadas comemorações do 28 de Maio, os Congressos da União Nacional, Mocidade Portuguesa, Legião Portuguesa, a criação das cha-

medas Corporações, o último discurso de Salazar, os constantes apelos à unidade e rejuvenescimento das fileiras salazaristas, são exemplos demonstrativos da desagregação que mina o regime. Certos elementos do alto clero apiam abertamente a política salazarista dirigida contra o povo, como o arcebispo de Évora que anela para se «prestar aos poderes constituídos toda a colaboração» («Seculo» de 30.1.1954).

O fortalecimento das forças democráticas

no mundo, o aprofundamento da crise geral do sistema capitalista, a agudização da situação política e económica nacional, acentuam as contradições do regime salazarista. O salazarismo não tem o apoio da Nação e está condenado a desaparecer. Entretanto o salazarismo não cairá por si. Ele ultrapassará a crise que o está devorando se as forças anti-salazaristas não se unirem rapidamente e intensificarem a luta para o seu derrubamento.

A unidade de todas as forças patrióticas na luta pela paz, a democracia e a independência nacional

A Pátria está ameaçada e mais ameaçada estará se o salazarismo prolongar a sua manutenção no poder. No sentimento de toda a Nação cresce a imperiosa necessidade de uma viragem radical nos destinos da nossa Pátria. Cresce o sentimento de que nada de bom há a esperar do salazarismo e que se existe um único caminho: mudar o regime! Um regime que assegure a Paz, as liberdades democráticas e a independência nacional.

O sentimento patriótico da Nação ergue-se contra o domínio do imperialismo estrangeiro e o sistema monopolista do Governo de Salazar-Craveiro Lopes. As condições e as forças necessárias para determinar uma mudança de regime existem, estão acumuladas no profundo descontentamento de todas as camadas da população portuguesa que anseiam por essa mudança.

A luta e unidade são o único caminho que conduzirá à rápida mudança de regime. Essa é a experiência histórica e gloriosa das forças patrióticas do passado, dos revolucionários de 1835, 1840, 1820, 1891 e 1910.

Só à custa da divisão das forças democráticas e patrióticas do país, o salazarismo tem podido permanecer e manter-se no poder ao longo destes 20 anos de negrume em que o país foi mergulhado. Os democratas que, invocando as divergências do passado, extraem a ideia de que a unidade não é possível, que salientam aquilo que ainda nos pode dividir, mas ignoram o muito que já nos une, não estão a servir da melhor forma a luta pela restauração da democracia no país. No momento actual, só a união de todas as forças anti-salazaristas, poderá provocar uma mudança de regime. Sozinha nenhuma, força política ou poderá conseguir. Não existe outra alternativa que não seja a união de todas as forças anti-salazaristas e a unificação da acção de todas as forças e organizações democráticas, numa ampla frente nacional anti-salazarista. Esta é a tarefa do momento e os nossos vindouros acusar-nos-ão se não fizermos tudo o que podemos para apressar a unidade de acção que abrirá o caminho à mudança de regime.

O Partido Comunista Português tudo fará para que a classe operária, vanguarda, combativa do nosso povo, reforce a sua unidade, a aliança com as massas camponesas e com todas as forças democráticas e patrióticas numa ampla frente nacional anti-salazarista. Sem essa unidade e sem a participação de vanguarda da classe operária, não existem possibilidades de mudar o regime.

Pensa o Partido Comunista Português que nessa ampla frente nacional anti-salazarista devem caber todos os portugueses que recontem o abismo para onde o salazarismo está conduzindo a nossa Pátria. Devem caber todos os portugueses interessados numa viragem nos destinos da nossa Pátria, mesmo aqueles que apoiaram o totalitarismo o salazarismo. Devem caber todos os portugueses interessados numa mudança de regime e na criação de condições que permitam a realização de Esléipos Livres para que o povo possa exprimir a sua vontade.

As camadas populares da Nação não se encontram adormecidas. Elas viragoram-se na luta e dão provas de novas energias. A repressão desencadeada todos os dias pelas forças repressivas salazaristas, as prisões sem julgamento ou com a pena cumprida, como sucede a perlo de duas dezenas de patriotas, entre os quais Álvaro Cunhal, não conseguiram adormecer a combatividade da classe operária.

As recentes lutas das classes trabalhadoras, nomeadamente a greve nacional dos pescadores, as lutas da classe têxtil no Norte, dos operários corticeiros da Margem Sul e Algarve, dos ferroviários, as lutas dos camponeses assalariados no Alentejo e Ribatejo, as centenas de queixas e grandes lutas de Norte a Sul do país, os protestos libertos dos soldados de Évora e de Alentejo, as lutas dos intelectuais e outras classes laboriosas, dos produtores de vinho e agricultores, dos comerciantes e industriais de algumas regiões, as acções das mulheres e dos jovens, a luta pela paz e contra a política salazarista em Goa, são indícios claros de que se avizinham novas e cada vez mais potentes lutas.

As jornadas de unidade comemorativas do 5 de Outubro e do 31 de Janeiro, a luta que se desenvolve por ampla amnistia, testemunham a crescente união e um novo rejuvenescimento das forças democráticas na luta pela conquista de objectivos comuns.

Unidas e organizadas, as forças democráticas e anti-salazaristas são muito mais fortes do que as forças em decomposição do salazarismo. Unidas e organizadas, forçarão o fascismo a conceder uma ampla Amnistia, a travar a repressão e a terminar com a censura. Unidas e organizadas, terão força para conseguir uma rápida mudança de regime e conquistar as liberdades democráticas.

A unidade da classe operária e de todos os trabalhadores desempenha um papel decisivo na união de todas as forças democráticas e anti-salazaristas. A classe operária é uma força poderosa e indestrutível. Sem os operários, as fábricas e as oficinas, as minas, os barcos e os transportes, não funcionam e a vida paralisa-se. Sem os operários e os camponeses não haveria pão, não haveria alimentos e a vida seria impossível.

Os trabalhadores portugueses celebrarão o 1.º de Maio em condições bem difíceis. O salazarismo privou-os de celebrarem livremente o dia 1.º de Maio. Mas o dia 1.º de Maio não morreu e vive com vigor no coração dos trabalhadores portugueses.

Apesar disso, a classe operária poderá fazer do 1.º de Maio uma jornada pelo reforço da sua unidade. Esta unidade deve desenvolver-se na luta por um salário mínimo vital, que aumente sempre que aumente o custo de vida, contra o desemprego, contra a exploração desenfreada do grande patrono, expressa na chamada campanha da «produtividade», contra a vida cara, pela paz. Um salário mínimo vital de 40000 para os operários industriais e uma jornada mínima de 30000 para os assalariados agrícolas, com trabalho assegurado todo o ano, e um ordenado mínimo de 1200000 para os funcionários, apesar de estarem longe de proporcionar uma vida mesmo modesta, re-

presentariam, uma vez conquistados, uma grande melhoria na vida destes trabalhadores. Ao apressar estas reivindicações, o Partido Comunista Português considera ser possível satisfazê-las, bastando para isso que diminuam as despesas militares e repressivas e os lucros dos grandes. O governo e o grande patronato não cederão de boa vontade. Se se unirem, organizarem e lutarem os trabalhadores conquistarão essas reivindicações mínimas imediatas. A luta pela conquista do mínimo vital não anula, antes implica, a necessidade da luta pelo aumento geral imediato de todos os salários-jornas e vencimentos.

Mas a unidade forja-se também na luta pela conquista de direcções eleitas pelos trabalhadores nos Sindicatos, Casas do Povo e Casas dos Pescadores.

O 1.º de Maio poderá ser também uma jornada de reforço da aliança da classe operária com as massas camponesas na base da luta contra os impostos, contra o colapso de forças da organização corporativa, pelo estabelecimento dum preço justo e pelo cultivo imediato de todos os terrenos cultiváveis e em posito a quem a trabalhar. Agrária que dê a terra a quem a trabalhar.

Unamos os intelectuais na luta pelos seus interesses económicos e pela criação e defesa das suas associações de classe, na luta contra a censura e pelo desenvolvimento das actividades literárias, artísticas e científicas da Nação.

Unamos as mulheres e a juventude, que apresentam a maior parte da população, na luta pelos seus direitos específicos e contra a carestia da vida, na luta por um salário igual para trabalho igual, na luta pelo acesso à instrução à cultura e ao desporto.

Unamos os soldados e marinheiros, os sargentos e oficiais na luta contra o domínio dos americanos e pela independência das nossas forças armadas, na luta pelo licenciamento imediato dos soldados que terminaram o serviço militar obrigatório, na luta pelo regresso imediato das tropas expedicionárias que foram para a Índia.

PORTUGUESES E PORTUGUESAS ANTI-SALAZARISTAS E DE TODAS AS CONVICÇÕES POLÍTICAS E CRENÇAS RELIGIOSAS!

Quando a vida do nosso povo atinge tão baixo nível, quando tão graves perigos de guerra ameaçam a nossa juventude e toda a população, quando a nossa independência é tão ameaçada, quando as nossas forças na luta contra o regime salazarista que mergulhou Portugal na ruína e no obscurantismo, que vendeu por dólares a independência e a soberania da Nação e faz passar sobre a pátria a ameaça da guerra e da morte!

Unamos as nossas forças na luta pela mudança de regime, na luta pela paz, as liberdades democráticas e a independência nacional, tornando Portugal uma Nação de paz, de progresso, de alegria cultural e bem-estar para todos!

Façamos do 1.º de Maio uma ampla jornada de unidade de todos os trabalhadores, de todas as forças democráticas e patrióticas. **Façamos do 1.º de Maio uma jornada de unidade na luta pela criação da Frente Nacional Anti-Salazarista!**

Viva o 1.º de Maio, jornada de unidade e solidariedade dos trabalhadores de todos os países! Viva a Unidade da classe operária portuguesa!

Viva a Frente Nacional Anti-Salazarista! Viva Portugal livre, democrático e independente!